

“Tirei uma foto da minha cara pintada e mandei para minha mãe”

Pedro Takashi Hagiwara de Souza fez dois anos de cursinho aqui no Etapa (a primeira vez quando estava no 3º ano). Entrou na Pinheiros na segunda tentativa, 8º colocado no grupo de alunos do ensino público. Ele diz que quando veio para o Etapa nem sabia o que era vestibular, mas aqui ele se dedicou aos estudos, foi superando suas dificuldades até ser bem-sucedido.

Pedro Takashi Hagiwara de Souza
Em 2018: Etapa
Em 2019: Medicina/USP

JV Quando você se interessou por Medicina?

Pedro Eu decidi fazer Medicina depois de entrar no cursinho. Até o 3º ano do Ensino Médio eu não tinha nenhum conhecimento do que era vestibular. Quando fiz a matrícula aqui, em 2017, meu primeiro ano no Etapa, me perguntaram que carreira eu queria, acho que falei Engenharia porque não tinha noção. Quando conheci melhor Medicina, vi que era interessante e resolvi seguir para ela.

O que o levou a essa escolha?

Eu tenho tios que são médicos. Conversei com eles, que falaram: “Você está num cursinho que é muito bom, vale a pena tentar Medicina. Você consegue”.

Este ano você foi aprovado em quais vestibulares?

Fui aprovado na Fuvest e na Unicamp.

Você fez o Etapa dois anos, o primeiro junto com o Ensino Médio. Como foi no primeiro ano?

Foi o ano mais cansativo que eu tive até hoje. Eu ia ao Rui Bloem [colégio estadual] de manhã, almoçava na rua e vinha para cá à tarde. Na escola tinha muito trabalho, ia dormir de madrugada muitas vezes. Em dia de palestra no Etapa eu chegava em casa

à meia-noite e acordava às 5 e meia. Mesmo assim foi um ano muito legal.

Nesse primeiro ano você chegou à 2ª fase?

Não cheguei nem perto. Na Fuvest eu acertei 63 questões. Mas não desanimei. Terminei o ano de cabeça erguida, o ano foi ótimo porque senti uma evolução. Estava no caminho.

Em 2018, você começou o cursinho confiante?

Comecei bem mais confiante. No Impulso Inicial eu olhava e falava: “Isto eu sei, isto eu lembro do ano passado”. Muito diferente do ano anterior, quando era tudo novo.

Como era sua rotina?

Acordava às 5 e meia, saía umas 6 e meia. Eu gostava de chegar cedo para poder escolher lugar e já ir me preparando. Aquele momento de se aquecer primeiro. Eu prestava atenção nas aulas, nelas é que eu mais aprendia. Depois, em casa, fazia todos os exercícios que os professores tinham passado no dia. Fazia o que eles pediam, principalmente os exercícios que eles ressaltavam como difícil. Aí é que eu ia mesmo. Era um desafio. Também fazia exercícios nos intervalos das aulas.

Onde você tirava suas eventuais dúvidas?

Entrava no aplicativo do Etapa e via a resolução comentada.

ENTREVISTA

Pedro Takashi Hagiwara de Souza
■ pág. 1

ARTIGO

A bomba atômica
■ pág. 4

(ENTRE PARÊNTESES)

Jogo de palavras
■ pág. 8

CONTO

Será o Benedito! –
Mário de Andrade
■ pág. 3

POIS É, POESIA

Alberto Caetano
■ pág. 7

SERVIÇO DE VESTIBULAR

Inscrições
■ pág. 8



Nos simulados, em que faixas você ficava?

Eu ficava em A e B ao longo de todo o ano. Mas isso também era reflexo de ter feito o outro ano aqui. No 1º ano não ia além do C mais e tinha D de vez em quando.

Você fez Reforço?

Fiz o Reforço para Medicina no sábado de manhã.

Como eram as aulas do RPM?

As aulas eram mais focadas em exercícios. Você tem misturadas a teoria e os exercícios no mesmo dia. E eu usava mais os professores do que nas aulas normais, era mais fácil tirar dúvidas. Foi um complemento, um reforço mesmo.

No sábado você vinha ao Reforço e depois ficava estudando aqui?

Sempre tinha simulado à tarde. Almoçava aqui perto e voltava para fazer o simulado. Depois, em casa, eu só olhava o gabarito do simulado: “Esta eu errei, por que errei?”. Era ver se estava dando certo o que estudava, do jeito que estudava. Analisava, via o que faltava e ia em cima desses pontos.

No domingo você estudava também?

Não. O domingo eu tirava para mim.

Você leu as obras literárias indicadas como obrigatórias pela Fuvest e pela Unicamp?

Eu sou ruim de ler, leio devagar. Era um tempo muito grande que eu perdia. Demorei o ano inteiro para ler três obras. Acabei vendo todas as palestras. As palestras são muito focadas no que o vestibular quer. Tudo que os professores falam é o que o vestibular vai pedir. E ainda com uns toques a mais, algumas visões, uns *insights* que acabam sendo muito proveitosos.

Você tinha alguma atividade para dar uma relaxada?

A maioria das vezes eu ficava jogando no computador ou assistia a vídeos e séries. Mas meu *hobby* preferido era, no quintal de minha avó, pegar a enxada e cuidar da horta, podando as plantas. Gostava disso.

Em alguma época do ano você se sentiu cansado?

Um pouco antes das férias estava pesado. Antes da Revisão estava pesando ainda mais. Aí alterei um pouco o padrão de estudo para não perder o pique. Comecei a fazer mais as coisas que eu achava mais importantes. Fui encaminhando assim até a apostila 7, que tinha mais coisas que não lembrava. Na Revisão fui fazendo de novo tudo que eu achava que precisava.

O que você mudou no seu padrão de estudo?

Comecei a olhar mais as coisas em que eu tinha dificuldade nos simulados e nas aulas. As aulas em que eu tinha mais dificuldade eram das matérias que eu menos gostava. História, Geografia e alguns pontos de Física. Matéria que você não sabe você não gosta. Mas aí eu fui olhando, escolhendo os exercícios. Melhorei mesmo a partir da Revisão, quando parei de estudar em casa a tarde inteira. Estudava mais no curso. E troquei um pouco o foco de ver tudo, a quantidade, pela qualidade. Fui diminuindo aos poucos o tanto que eu via e dei um pouco mais de prioridade ao meu descanso, para relaxar. Lembrei do vestibular do ano anterior, em que fui muito estressado para a prova.

Na 1ª fase da Fuvest, qual foi sua pontuação?

Foi 74. A nota de corte de escola pública foi 65. Fiquei acima da ampla concorrência, que foi 73.

Na 2ª fase, a primeira prova é de Português e Redação. Quanto você tirou?

Era o dia do qual eu estava com mais medo. “Mas vamos lá, eu sei mais ou menos as coisas que caem”. Fui na confiança e tirei 68,17 no geral. Na Redação, 31,77 de 50.

No segundo dia, prova de Física, Química e Biologia, qual foi sua nota?

Foi um bom dia, tirei 83,33. Foi bacana.

Alguma surpresa nessas notas?

Não. Era mais ou menos o que eu esperava. Imaginei que iria muito bem nas matérias específicas, imaginei que não iria tão bem na parte de Português. No geral ficou muito próximo das notas que eu tinha nos simulados.

Na escala de zero a 1 000, qual foi sua pontuação na Fuvest? Foi 779,07.

E a classificação na carreira?

Fiquei em 8º lugar. Isso no pessoal de escola pública.

A primeira lista que saiu foi a da Fuvest. Como foi esse dia para você?

No dia anterior eu nem sabia que ia sair a lista. Aí me ligaram do Etapa: “Amanhã a gente vai ver a lista, você não quer vir aqui?” Vou, né. Imaginei que ia ter um papel colado na parede e um marca-texto. Seria olhar, marcar meu nome e sair de fininho. Aí eu chego, a sala cheia de câmeras, um monte de gente. “Meu Deus do céu, se meu nome não estiver aqui, ferrou”. Fiquei tenso, mas o pessoal foi ajudando a descontrair. E aí chegou a lista. Na hora que liberou para a gente ir, cheguei na lista, fui procurando, procurando, está aqui, passei. O pessoal comemorando, se abraçando. Foi muito bom. Legal demais. Um auge de felicidade.

A primeira pessoa para quem você ligou, foi quem?

Não liguei para ninguém. Tirei uma foto da minha cara pintada e mandei para minha mãe. E ela tirou uma foto dela chorando e mandou para mim de volta.

Você já conhecia a Pinheiros? Já tinha visitado?

Não. Conheci na Semana de Recepção. Fui no primeiro dia para conhecer o local, depois não fui mais. Deixei a semana acabar e voltei só quando tinha aula.

Quando caiu a ficha de que você conseguiu entrar na Pinheiros?

A ficha não caiu direito ainda. A gente está lá conversando com os colegas, para, olha para os lados: “A gente passou, né? A gente está aqui, caramba”. Nem dá para acreditar.

O que você teve de matéria no primeiro semestre?

Bioquímica, Biologia Celular, começamos Anatomia e tivemos Histologia também. Nada muito ligado à prática médica. Muito parecido com a continuação dos estudos que fizemos até agora.

Você chegou a visitar alguma UBS e ter uma experiência mais próxima do dia a dia da atividade médica?

Tivemos uma aula dentro do HC na parte do ambulatório. Fomos para aprender a tirar sangue, tiramos um do outro. Foi o mais próximo que a gente chegou. A USP tem matérias que são mais ligadas à prática médica em si, que são mais para nos sentirmos médicos. A gente aprendeu a ressuscitar, desengasgar, tirar sangue, higiene do médico – são várias coisas. E tem uma matéria que é a Discussão Integrada de Casos, que é bem legal. Temos que desmembrar o caso que nos é apresentado e responder as questões que eles colocam.

O que você destaca da infraestrutura da Pinheiros?

Da parte física, o prédio da Pinheiros é muito bom. Tem uma estrutura muito bacana, as coisas funcionam, até a comida é muito boa. Quando a gente tem aula lá é uma bênção. Agora, às vezes o microfone da sala não funciona ou então meu cronograma diz para ir para a sala X e a aula é na sala Y. Umas coisas assim. Mas no geral as aulas são muito boas. Os professores que a gente teve até agora também são gente muito fina.

E na parte humana em geral?

É uma sala muito grande, são 180 pessoas, algumas são muito legais. É um mundo muito diferente, é outro tipo de interação. Você encontra pessoas que têm mentalidade muito parecida com a sua. Uma coisa marcante para mim é o jeito como você consegue conversar com as pessoas. Às vezes você precisa conversar com uma pessoa e a conversa não flui porque ela não te entende. Na faculdade as pessoas entendem e a conversa flui muito bem. Isso é maravilhoso.

E os veteranos, o pessoal mais velho, como é que são?

Eles nos receberam muito bem na Semana de Recepção, mas foi só o contato que tive com eles porque não fui fazer nenhum esporte lá. Acabei não tendo contato com os veteranos.

Você tem ideia da área que pretende seguir ou está em aberto?

Está bem aberto e se eu não escolher nada vou fazer Ortopedia, que parece muito interessante. Mas imagino que no caminho devo escolher outra coisa, quando conhecer mais.

Como ficou marcado para você o ano passado? Os dois anos que você passou no Etapa?

Foi difícil e também uma coisa maravilhosa. E você fala: "Uau, funcionou, deu certo, eu passei por tudo aquilo, olha como fui forte". Você se acha o cara. É uma lembrança muito boa, muito gostosa.

Você está diferente de quando veio para cá?

Com certeza. Foi um período de amadurecimento gigantesco.

Do que você sente saudade?

Das aulas dos professores. A didática deles é muito boa. Quando você entra na faculdade é que percebe. Caramba, os professores do cursinho são muito feras mesmo. As piadas, as histórias, o jeito como eles conseguem colocar na sua cabeça um negócio chato de um jeito divertido. Queria ter umas aulas assim de novo.

O que você tira de lição dessa experiência?

O que levei do cursinho para minha vida foi o lance de poder me respeitar.

Será o Benedito!

Mário de Andrade

A PRIMEIRA vez que me encontrei com Benedito, foi no dia mesmo da minha chegada na Fazenda Larga, que tirava o nome das suas enormes pastagens. O negrinho era quase só pernas, nos seus treze anos de carreiras livres pelo campo, e enquanto eu conversava com os campeiros, ficara ali, de lado, imóvel, me olhando com admiração. Acharo graça nele, de repente o encarei fixamente, voltando-me para o lado em que ele se guardava do excesso de minha presença. Isso, Benedito estremeceu, ainda quis me olhar, mas não pôde aguentar a comoção. Mistura de malícia e de entusiasmo no olhar, ainda levou a mão à boca, na esperança talvez de esconder as palavras que lhe escapavam sem querer:

– O homem da cidade, chi!...

Deu uma risada quase histérica, estalada insopitavelmente dos seus sonhos insatisfeitos, desatou a correr pelo caminho, macaco-aranha, num mexe-mexe aflito de pernas, seis, oito pernas, nem sei quantas, até desaparecer por detrás das mangueiras grossas do pomar.

Nos primeiros dias Benedito fugiu de mim. Só lá pelas horas da tarde, quando eu me deixava ficar na varanda da casa-grande, gozando essa tristeza sem motivo das nossas tardes paulistas, o negrinho trepava na cerca do mangueirão que defrontava o terraço, uns trinta passos além, e ficava, só pernas, me olhando sempre, decorando os meus gestos, às vezes sorrindo para mim. Uma feita, em que eu me esforçava por prender a rédea do meu cavalo numa das argolas do mangueirão com o laço tradicional, o negrinho saiu não sei de onde, me olhou nas minhas ignorâncias de praqueano, e não se conteve:

– Mas será o Benedito! Não é assim, moço!

Pegou na rédea e deu o laço com uma presteza serelepe. Depois me olhou irônico e superior. Pedi para ele me ensinar o laço, fabriquei um desajeitamento muito grande, e assim principiou uma camaradagem que durou meu mês de férias.

Pouco aprendi com o Benedito, embora ele fosse muito sabido das coisas rurais. O que guardei mais dele foi essa curiosa exclamação, "Será o Benedito!", com que ele arrematava todas as suas surpresas diante do que eu lhe contava da cidade. Porque o negrinho não me deixava aprender com ele, ele é que aprendia comigo todas as coisas da cidade, a cidade que era a única obsessão da sua vida. Tamanho entusiasmo, tamanho ardor ele punha em devorar meus contos, que às vezes eu me surpreendia exagerando um bocado, para não dizer que mentindo. Então eu me envergonhava de mim, voltava às mais perfeitas realidades, e metia a boca na cidade, mos-

trava o quanto ela era ruim e devorava os homens. "Qual, Benedito, a cidade não presta, não. E depois tem a tuberculose que..."

– O que é isso?...

– É uma doença, Benedito, uma doença horrível, que vai comendo o peito da gente por dentro, a gente não pode mais respirar e morre em três tempos.

– Será o Benedito...

E ele recuava um pouco, talvez imaginando que eu fosse a própria tuberculose que o ia matar. Mas logo se esquecia da tuberculose, só alguns minutos de mutismo e melancolia, e voltava a perguntar coisas sobre os arranha-céus, os "chauffeurs" (queria ser "chauffeur"...), os cantores de rádio (queria ser cantor de rádio...), e o presidente da República (não sei se queria ser presidente da República). Em troca disso, Benedito me mostrava os dentes do seu riso extasiado, uns dentes escandalosos, grandes e perfeitos, onde as violentas nuvens de setembro se refletiam, numa brancura sem par.

Nas vésperas de minha partida, Benedito veio numa corrida e me pôs nas mãos um chumaço de papéis velhos. Eram cartões postais usados, recortes de jornais, tudo fotografias de São Paulo e do Rio, que ele colecionava. Pela sujeira e amassado em que estavam, era fácil perceber que aquelas imagens eram a única *Bíblia*, a exclusiva cartilha do negrinho. Então ele me pediu que o levasse comigo para a enorme cidade. Lembrei-lhe os pais, não se amolou; lembrei-lhe as brincadeiras livres da roça, não se amolou; lembrei-lhe a tuberculose, ficou muito sério. Ele que reparasse, era forte mas magrinho e a tuberculose se metia principalmente com os meninos magrinhos. Ele precisava ficar no campo, que assim a tuberculose não o mataria. Benedito pensou, pensou. Murmurou muito baixinho:

– Morrer não quero, não sinhô... Eu fico.

E seus olhos enevoados numa profunda melancolia se estenderam pelo plano aberto dos pastos, foram dizer um adeus à cidade invisível, lá longe, com seus "chauffeurs", seus cantores de rádio, e o presidente da República. Desistiu da cidade e eu parti. Uns quinze dias depois, na obrigatória carta de resposta à minha obrigatória carta de agradecimentos, o dono da fazenda me contava que Benedito tinha morrido de um coice de burro bravo que o pegara pela nuca. Não pude me conter: "Mas será o Benedito!...". E é o remorso comovido que me faz celebrá-lo aqui.

São Paulo, 2^a quinzena de outubro de 1939, n. 145.

Texto extraído do livro *Será o Benedito!*, Editora da PUC-SP, Editora Giordano Ltda e Agência Estado Ltda. São Paulo, 1992, p. 66. Uma colaboração de João Antônio Bühler e seus "Arquivos impagáveis".